



ARTIGO

REINVENTANDO O PASSADO, REORDENANDO O PRESENTE: A FESTA DA UVA DE VINHEDO, ESTADO DE SÃO PAULO¹

REINVENTING THE PAST, REORDERING THE PRESENT: THE GRAPE FAIR FROM VINHEDO, SÃO PAULO, BRAZIL

André PIRES²

RESUMO

A partir de uma análise da Festa da Uva de Vinhedo, São Paulo, procurar-se-á mostrar como a progressiva associação da festa com a cultura italiana, observada desde 1997 até o presente, tem implicações importantes na forma como o município se representa e relaciona-se com transformações mais amplas pelas quais o espaço rural da região atravessa: de essencialmente agrícola ele passa abrigar também indústrias, moradias e atividades de turismo. Analisando a programação da festa dos últimos anos, podemos notar como tradições passam a ser reinventadas, tal como a cerimônia de pisar uvas da Festa. Em nossa interpretação, o recurso a identidades tradicionais (agricultor e italiano, por exemplo) pode ser lido como forma de resposta ao processo de transformação mais geral que a cidade vem sofrendo nas últimas décadas.

Palavras-chaves: ruralidades, identidades, invenção de tradições.

ABSTRACT

Since 1997, the activities of Grape Fair from Vinhedo, a small town nearby São Paulo, have been associated with Italian culture. Within this process some ceremonies, as the making wine ceremony, are invented based on a common past in which the rural aspects, as well as the Italian culture, are for granted. This paper aims to develop the idea that the uses of traditional identities, such as the rural-Italian, are essentially connected with the present. They can be seen as a response for some changes that have taken place in the region in the last decades: from an agrarian-based economy in the fifties, the city has diversified it. Housing, industrial and tourist functions have become important.

Key-words: ruralities, identities, invention of traditions.

⁽¹⁾ Texto apresentado no VI CONGRESSO LATINOAMERICANO DE SOCIOLOGIA RURAL no GT 21 Nova Ruralidade. Porto Alegre, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 25 a 29 novembro de 2002. Gostaria de agradecer a leitura e os comentários de Osvaldo Lopez Ruiz, Verena Sevá Nogueira e David Goodman, eximindo-os, entretanto, de quaisquer responsabilidades sobre o texto.

⁽²⁾ Doutorado em Ciências Sociais, Professor na Faculdade de Campinas e Pesquisador do Projeto Rubarno.



“Copiar a realidade pode ser uma boa coisa; mas inventar a realidade é melhor, muito melhor (Giuseppe Verdi)” (Souza, 1993:153)

O ACONTECIMENTO MÁXIMO DE VINHEDO

Até 1949, ano de sua emancipação política e administrativa, Vinhedo, então um distrito de paz de Jundiaí, era conhecida pelo nome de Rocinha. Desde o final do século XIX, com a chegada de imigrantes italianos na região, a cultura da uva foi paulatinamente adquirindo importância (Cf. Inglez de Sousa, 1959) a ponto de, no momento da emancipação, dos quatro nomes selecionados para a denominação da nova cidade, três se referiam especificamente a tal cultivo: Vinhalândia, Videral e Vinhedo. O quarto nome, Arariúna, referia-se ao processo de ocupação do município cuja origem remonta à Fazenda Cachoeira de propriedade do Barão de Arari (Cf. Histórico do Município de Vinhedo, 1999:2)

A Festa da Uva de Vinhedo é uma festa do período pós-emancipação. A primeira festa ocorreu em 1950 apenas um ano após a cidade ter adquirido sua autonomia política-administrativa. Antes de ter a sua própria festa, os produtores locais e sua população celebravam a festa da Uva em Jundiaí. Mais do que uma curiosidade, isso para nós tem um sentido importante: a festa é criada dentro de um processo de afirmação da cidade nos níveis político, econômico e cultural. A emancipação de Vinhedo, além de ser um processo formal administrativo, é também um conjunto de práticas na qual os administradores e seus habitantes se afirmam como uma coletividade em relação ao seu entorno. Esta afirmação da diversidade, necessária para o estabelecimento de uma “comunidade imaginada”, passa em grande parte pelo fortalecimento e criação de atividades de sociabilidade nas quais as festas e celebrações, sejam religiosas ou seculares, têm funções importantes.

Em 1953, Medeiros Júnior, fundador do primeiro jornal do município e também secretário da primeira administração municipal, já salientava a importância da Festa no sentido de representar o município. Segundo ele, a Festa da Uva era impor-

tante não apenas para comemorar a satisfação do lavrador pela colheita “mas também, o cartão de visitas com que o município se faz representar, abrindo aos olhos dos nossos visitantes toda uma riqueza sólida e inabalável. Quantos municípios do Estado podem fazer uma festa agrícola? Bem poucos. Felizes daqueles que o podem” (Cf. Folha de Vinhedo, 22 de abril de 1953, p. 3).

Esta característica de representar o município faz com que a importância da Festa extrapole o nível da produção agrícola e incorpore dimensões políticas e culturais. Tal como a arguta manchete do jornal dos anos cinquenta indica, a Festa da Uva era o acontecimento máximo de Vinhedo.

“Amanhã, a Festa da Uva acontecimento máximo de Vinhedo. Tudo o que produzimos estará representado dentro da exposição de frutas, ao lado da exposição industrial (...) Seis milhões de pés de uva constituem os magníficos parreirais vinhedenses, com uma produção anual acima de um milhão de caixas, que proporciona um valor em cruzeiros de mais de sessenta milhões.(...) Haverá desfiles de bicicletas, haverá rodeios, haverá música, haverá coroação da rainha da uva (...). Haverá a exposição das frutas com prêmios aos melhores classificados. Haverá ainda exposição industrial, mostrando ao forasteiro e visitante amigo, um pouco do nosso parque industrial.” (Folha de Vinhedo, 16 de janeiro de 1952, p. 1)

Apesar de ser considerada o acontecimento máximo da cidade, a Festa da Uva passou por algumas dificuldades durante a sua história. Entre 1950 e 1982, a festa não foi realizada durante seis anos mas, a partir de 1982 e até o presente momento, ela vem sendo realizada sem interrupções (Cf. Ruschmann, 1998:78).

Em 1997, a atual administração municipal (eleita em 1996 e reeleita em 2000) inicia um processo de associação da Festa com a cultura italiana. Naquele ano (1997) o slogan da Festa foi “Vinhedo é só alegria. Capisci?” e desde então a programação da festa, seu material publicitário e atuação de seus organizadores têm se pautado por esta associação.

O presente texto tem por objetivo refletir sobre o caráter desta associação e do tipo de ruralidade que é construída a partir da vinculação com a cultura italiana. Ele será feito tendo por base nossa participação nas últimas três edições da festa (2000, 2001 e 2002).

O LOCAL

O visitante ao se aproximar do Parque Municipal Jaime Ferragut (nome dado em homenagem a um antigo prefeito da cidade cuja família é de origem espanhola), local onde se localiza a Festa da Uva de Vinhedo, pode ficar surpreso com a quantidade de carros e de ônibus estacionados. Apesar da entrada ser franca, as ruas em volta do parque foram transformadas em estacionamentos a céu aberto (ao custo de R\$ 5,00) o que deve render um bom dinheiro para a prefeitura, administradora deste espaço.

Os ônibus ficam estacionados ao lado da entrada principal do parque e pode-se notar que eles vêm de vários lugares: São Paulo (a maioria); Jundiaí, Campinas, Itatiba, Mogi Mirim, Piracicaba, Ribeirão Preto entre outras. Mais tarde, fico sabendo que há excursões que vêm de outros estados para a festa, tais como de cidades do sul de Minas e até do Rio de Janeiro.

Logo na entrada, há uma placa de boas vindas da prefeitura com fotos das principais obras da administração municipal. A placa se localiza no início da rua principal da festa, rua que além de dar acesso a outras localidades é também a rua da alimentação. É nela que as principais barracas e estandes de comidas e bebidas da festa ficam. Passear por esta rua e na de cima (onde se concentram as barracas de artesanato, de roupas e de calçados) dá-nos a sensação de estar numa grande feira livre.

A rua da alimentação oferece um leque bastante variado de produtos para o visitante da festa. Trafegar nesta rua faz o visitante se sentir numa espécie de festa das nações: barraca de *krep's suíço* lado a lado da barraca de doces portugueses, sem contar a “Embaixada da Alemanha”, um conjunto de duas barracas, uma vendendo Joelho de porco assado, salsichas,

chucrutes e demais iguarias da cozinha alemã e outra o chopp Germânia - produzido na região.

Saindo da rua de alimentação encontramos o pavilhão das frutas. Trata-se de uma grande área acobertada montada especialmente para a festa. Em 2000 e 2002, era lá que se encontrava o local de exposição das frutas vencedoras do concurso. Este espaço é administrado pela Associação dos produtores rurais da região, a qual dá direito aos seus associados de venderem produtos durante a festa. Nem todos os associados, entretanto, se interessam em ter uma barraca na festa, assim a associação e a organização da festa concedem também o direito de utilização deste espaço para terceiros.

Um pouco mais à frente fica o Parque de Diversão. Uma série de brinquedos, tipo montanha russa e outros de “causar emoção” estão a disposição dos visitantes que se dispuserem a pagar pelas suas entradas. Saindo do Parque de Diversão, chega-se ao complexo das piscinas. Durante a festa, as piscinas ficam fechadas para o público mas há um grande espaço coberto que serve como local de exposições de fotos antigas da cidade, de pinturas de artistas locais e também de apresentações de teatro. Em 2002, logo após a cerimônia de inauguração, houve um coquetel neste local para certos convidados e “autoridades” políticas presente neste evento, os chamados *VIPs*.

Próximo das piscinas, às margens de um pequeno lago, é montado um palco que serve como local para apresentações de shows de música e de dança. Até 2000, este era o principal palco da festa onde as principais atrações musicais ocorriam. A partir de 2001, mais quatro outros palcos foram montados em diversos locais do parque.

Saindo do complexo das piscinas e subindo alguns lances de escada, encontramos o ginásio municipal. O espaço interno do ginásio teve uma utilização bastante variada nos últimos três anos, abrigando desde local para exposição das flores da Holambra (2000), lugar da inauguração da festa, da exposição e do leilão de frutas (2001) ou, em 2002, espaço sob o qual foi cenografado um bairro rural que serviu de palco. Nele foi encenada uma peça que, permitindo o leitor uma certa ironia, pode ser qualificada como uma espécie de Romeu e Julieta rural.

Trata-se da história de um amor quase impossível, protagonizado por dois jovens camponeses, Francesca e Giusepe, filhos de duas famílias rivais, os Mancini e os Bertino. Cada família já havia escolhido os cônjuges de seus filhos, para o desespero de Francesca e Giusepe que teriam que submeter suas vontades individuais aos rígidos padrões de comportamento ditados por seus familiares. A situação somente se “resolve” quando é feita uma grande encomenda de vinho que obriga as duas famílias a trabalharem juntas e, a partir disso, passam a aprovar o casamento. O dinheiro arrecadado serviria para comprar mais terra que abrigaria o novo casal. A peça termina com a cerimônia de pisar uvas, que será objeto de discussão mais tarde, ao som da música Funiculi, Funiculá.

A INAUGURAÇÃO³

Antes de começar oficialmente, a cerimônia de inauguração inicia-se com a concentração de políticos e demais “autoridades” nos bastidores. Uma vez que a composição político-partidária da prefeitura de Vinhedo é um tanto quanto peculiar, o prefeito é do PSDB e o vice é do PT (partidos adversários no plano federal e estadual), podemos encontrar, na concentração de políticos e “autoridades”, pessoas dos diferentes partidos e tendências. Esta alta concentração de políticos faz com que, muitas vezes, a diferença entre o número de “autoridades” presentes na inauguração seja quase o mesmo do público que a assiste.

A cerimônia, propriamente dita, inicia-se quando o locutor oficial anuncia as “autoridades” presentes e as chama para o seu local reservado. Uma vez instalados em seus locais previamente estabelecidos dentro do ginásio, o locutor anuncia os presentes de acordo com princípios hierárquicos: primeiro os deputados federais, depois os estaduais, os prefeitos das cidades da região presentes, os secretários de administração municipal e os vereadores.

O ginásio, palco da inauguração em 2001, foi decorado com as cores da bandeira italiana. Depois de anunciado os presentes, um saxofonista, posicionado em frente ao coral da terceira idade do município, executou o hino nacional. As mulheres, a maioria do coral, representavam as *nonas* e vestiam roupas que lembravam o passado italiano e rural. Várias *nonas* eram negras ou mulatas reforçando ainda mais o caráter de encenação.

Após a execução do hino, tem início a parte dos discursos. O primeiro a falar é o secretário de indústria, comércio e turismo que também preside a Festa da Uva, GL. Em 2000, GL disse que seu trabalho a frente da organização da festa da uva deu-se no sentido de resgatar a tradição italiana no município. Depois, destacou as principais obras da administração municipal e deu total apoio a reeleição do prefeito que, segundo o secretário, “*precisará de mais quatro anos para continuar sua ótima administração*”. Em 2001, GL destacou em sua fala a cerimônia de pisar uvas que estava sendo inaugurada naquele ano. Disse que era preciso reproduzir a cerimônia para lembrar o que os ancestrais faziam nesta terra e que, portanto, o fato mais importante da festa era a oportunidade do encontro de Vinhedo consigo mesma. “*A finalidade sociológica da Festa*”, nas palavras do secretário, era preservar a cultura e a raiz do povo vinhedense. Ao final, GL leu uma lista no qual agradeceu todos as pessoas que o ajudaram a organizar a festa.

Depois da fala do secretário é a vez do presidente da Câmara de Vinhedo. Depois, falam os deputados federais e estaduais presentes. A fala do prefeito, normalmente, antecede a fala do governador. Nos dois anos, o prefeito fez referência aos produtores rurais da região. Em 2000, ano eleitoral, o prefeito disse que o governador liberou verba para o asfaltamento do córrego do Pinheirinho e que isso iria beneficiar os agricultores. Também destacou a importância do Turismo ligado à agricultura. No final do seu discurso, entregou uma carta ao governador na qual ele pediu duas ambulâncias para o município. Tudo nos leva a crer que a cerimônia de inauguração é um momento

⁽³⁾ As observações sobre a cerimônia de inauguração baseiam-se em dados coletados por mim nos anos de 2000 e 2001. Em 2002, a cerimônia estava prevista para começar as 16:00hs, mas por solicitação do governador do Estado ela foi adiantada, sem aviso prévio, para as 15:00hs. Quando cheguei no local ela já havia começado o que impediu a coleta de informações durante este ano.

privilegiado para os administradores municipais afirmarem seu poder político e oportunidade ímpar para a solicitação de pedidos.⁴ Em 2001, o prefeito agradeceu os agricultores da região, segundo ele “os maiores heróis entre nós, pois resistem e mostram que é possível sobreviver da agricultura”. O prefeito fez questão de lembrar que embora a festa valorize a cultura italiana, a terra também tem espanhóis, alemães, suíços e portugueses. “Mas, em nome dos italianos, homenagem todas as tradições”, disse o administrador da cidade. Antes de encerrar, retomou a idéia de que o turismo e a agricultura devem andar juntos no desenvolvimento do município.

A presença de autoridades, na cerimônia de inauguração da festa, indica a importância política do município no estado. No caso de Vinhedo, as primeiras edições da festa contavam com a presença de secretários de estado e de um vice-governador, fato que foi bastante alardeado pelo jornal dos anos cinquenta. A Festa de Jundiá de 1953, por sua vez, contou com a presença do próprio governador em pessoa além do cardeal (Cf Folha de Vinhedo, 11 de fevereiro de 1953, p. 4).

Mas, cerca de cinquenta anos depois, Vinhedo já adquire uma importância a ponto de contar com a presença do governador em pessoa. Quando ele está presente, sua fala finaliza a etapa dos discursos.⁵ Depois da fala do governador, a rainha da Festa entrega uma caixa de uva (a 1ª colocada na exposição) para ele, ou seu representante, e em seguida é cortada a fita de inauguração da festa.

Neste momento, a banda começa a tocar a música italiana *Funiculi, Funiculá...* e o coral da terceira idade, vestido com roupas típicas do colonato, começa a dançar. O prefeito e o governador, então, lideram o cortejo, em direção ao local de exposição das frutas vencedoras.

Ao som de *Funiculi, Funiculá*, as autoridades passam em revista as frutas vencedoras, tecendo

comentários elogiosos em relação à sua qualidade. Recepcionando as autoridades, e do lado de dentro de um pequeno cercado que visa impedir o manuseio das frutas por parte dos visitantes, está um representante dos agricultores do município que, todo orgulhoso, recebe os cumprimentos das personalidades políticas locais. A festa está formalmente inaugurada.

A CONFISSÃO

Depois de cumprimentar o agricultor que estava posicionado ao lado das frutas vencedoras, as “autoridades” se retiraram e, assim, o piso térreo do ginásio foi liberado para o público em geral. Durante alguns minutos, permaneci nas arquibancadas fazendo algumas anotações que julgava importantes da cerimônia que acabara de presenciar.

O nosso agricultor que havia recepcionado as autoridades, Luís, estava agora sentado numa cadeira ao lado e um pouco atrás do local da exposição e, de vez em quando, advertia algum visitante que intencionasse tocar nas frutas.⁶ Percebendo que estava sozinho, dirigi-me ao seu encontro a fim de trocarmos algumas palavras. Inicialmente falamos de algumas amenidades sobre a festa, de como ela estava bonita e coisas desse tipo. Logo em seguida, perguntei-lhe alguma coisa relativa à exposição de frutas, de como as “caixas” estavam bonitas nesta semana e do trabalho que elas supostamente haviam dado aos seus produtores. Foi nessa hora que Luís fez uma espécie de confissão.

Luís falou-me que naquele mês havia acabado com todas as quadras de uva de sua propriedade. Disse-me que a situação da uva estava muito difícil, não dava mais para continuar suportando os gastos desta atividade e que tinha decidido arrendar

⁽⁴⁾ Em 1952, durante a cerimônia de inauguração, foi solicitado para o secretário de agricultura “a criação da Casa da Lavoura, e a consequente nomeação de um agrônomo para a região (...) O Secretário da Agricultura, em resposta, prometeu estudar junto ao governo do estado a solução do problema assegurando mesmo que não via grandes dificuldades para atender o pedido dos lavradores de Vinhedo, de vez que além de justo, ele era pequeno, e que poderia ser resolvido” (Folha de Vinhedo, 5 de fevereiro de 1952, p. 1)

⁽⁵⁾ Em 2000 o então governador Mário Covas esteve presente na cerimônia de inauguração. Em 2001 a festa ocorreu na semana em que Mário Covas morreu e, devido ao luto oficial do Estado, seu substituto não compareceu. Em 2002, Geraldo Alckimim, governador do estado, esteve presente.

⁽⁶⁾ O nome é fictício.

a sua terra para terceiros. Em tom um tanto quanto melancólico, Luís finalizou a conversa dizendo que se a situação continuasse assim, teria que vender a terra dividindo-a em pequenas chácaras ou para alguém que se dispusesse a fazer um condomínio ou um loteamento.

A CERIMÔNIA DE PISAR UVAS

“A grande vedete dessa Festa será a cerimônia de pisar uvas. ‘Antigamente, os imigrantes para produzirem seus deliciosos vinhos, colocavam os cachos de uvas dentro de uma tina de madeira e pisavam amassando as uvas, celebrando a farta colheita, e nessa edição da festa quem não vivenciou esses encantos, terá a oportunidade de voltar ao tempo e testemunhar como faziam os nonos e nonas, resgatando um pouco mais da tradição italiana’, revela GL Presidente da Festa da Uva.”

(<http://www.festadauva.com.br/2001/>)

A marcação italiana da Festa da Uva não se inaugura a partir da cerimônia de pisar uvas, mas tem nela o seu apogeu. A seguir, apresentaremos as suas principais características baseado em observações feitas em 2001, uma vez que em 2002, tal como já foi dito, a cerimônia de pisar uvas integrou-se a um espetáculo teatral mais amplo.

Um pouco antes do horário previsto para o início da cerimônia, marcada para as 15:30 nos finais de semana de festa, várias pessoas já começam a ficar em volta da tina/palco. Para evitar que elas invadam o local determinado para a cerimônia, um cordão de isolamento é posto aproveitando os pilares que sustentam o coberto de madeira no qual se encontra a tina. Assim, garante-se um espaço razoável para abrigar os integrantes da banda de música e aqueles que irão pisar as uvas. O tempo de espera dos integrantes da cerimônia (banda e demais participantes) faz com que algumas pessoas comecem a cantarolar o *Funiculí, Funiculá...* Às vezes, a demora faz com que o próprio sistema de som do palco toque também *Funiculi, Funiculá...*

Uma jardineira 1929, cuidadosamente preservada e pilotada pelo seu dono (um morador

de Vinhedo), dirige-se ao local da tina pela rua da alimentação. Nela estão as “nonas”, isto é, as senhoras participantes do coral da terceira idade de Vinhedo trajadas com as “vestes que os imigrantes usavam”. Andando à sua frente, está a banda, Banda Nostra, composta por uns cinco integrantes junto com um grupo de dançarinos e dançarinas jovens, da região, todos vestidos com trajes italianos. Seria desnecessário dizer a música que a banda toca na chegada à tina: *Funiculí, Funiculá...*

Os primeiros a chegar são, na ordem, os integrantes da banda, os dançarinos (homens e mulheres) e, em seguida, as “nonas”. A banda se posiciona a mais ou menos meio metro da tina. Os dançarinos e as “nonas”, depois de retirarem seus sapatos, dirigem-se ao pequeno patamar ao redor da tina. Deixam suas cestas de uva no chão.

O último dia da cerimônia de 2001 contou com as presenças “ilustres” do secretário de comércio, indústria e turismo - e presidente da Festa da Uva - e também do prefeito municipal de Vinhedo. Neste dia, um pouco depois de todos se posicionarem, a música parou por alguns instantes para o prefeito falar. O prefeito, nesta ocasião, destacou a importância da cerimônia pois, segundo ele, é uma forma de trazer de volta o passado e assim, lembrar os momentos felizes das pessoas que fizeram esta terra. O prefeito parabenizou os integrantes da Banda Nostra, parabenizou também os dançarinos, destacando que são artistas locais, e os integrantes do coral da terceira idade, vestidos de “nonas”.

Em seguida, a Banda Nostra começou a tocar um outro sucesso da música italiana: *Volare*. Os dançarinos e as nonas chamaram o prefeito e o secretário para se juntar a eles ao redor da tina. Ao som de *Volare*, todos começam a dançar em volta da tina. No momento do refrão da música, todos abaixam-se e pegam os seus respectivos cestos de uva e despejam para dentro da tina. Este movimento é repetido umas três vezes até os cestos estarem completamente vazios. O fato do município somente produzir uvas de chupar (variedade Niagara) não impediu que a cerimônia fosse realizada. As uvas utilizadas, de uma variedade própria para produzir a bebida, vieram do sul do país e foram compradas em São Paulo.

Depois que as uvas foram colocadas dentro na tina, alguns dançarinos, algumas “nonas”, o prefeito e o secretário entram nela e começam a pisotear as uvas enquanto os demais participantes permanecem dançando, de mãos dadas, ao redor da tina. A música *Volare* acaba. Um dançarino que estava no meio da tina, retira um poema do bolso e o recita em italiano. O poema homenageia o vinho. Logo após o poema, a Banda Nostra toca de novo o *Funiculi, Funiculá* e todos pisoteiam a uva mais um pouco.

O final da cerimônia serve como início da parada italiana. As “nonas” retornam aos seus lugares na Jardineira, os dançarinos e dançarinas se posicionam à frente do carro e a banda segue o cortejo, pelas ruas do parque tocando, pela enésima vez, o *Funiculi, Funiculá*.

Depois de encerrada a cerimônia de pisar uvas, encontrei-me com o presidente da Associação dos Produtores Rurais da região, LRO, que estava observando as uvas pisoteadas. LRO estava esperando todos saírem para poder recolher as uvas. Sua intenção era produzir vinho com as uvas pisoteadas durante a festa. Disse-me que sua família fazia vinho e que se lembra de todo o processo de produção. Logo depois chegou o secretário e LRO deu-lhe a idéia de substituir a tina utilizada este ano por uma mais apropriada para fazer vinho, com canaletas do lado para facilitar a separação da parte líquida da sólida. Disse que tinha esta tina apropriada em casa, mas jogou fora:

- “*Quem é que podia imaginar que um dia a gente iria usar isso!*”, disse LRO.

O secretário ficou de pensar no assunto.

Logo em seguida, uma assessora do secretário chegou e começou comentar o sucesso da cerimônia de pisar uvas. Disse que esta cerimônia tinha definitivamente “pegado”, que representava um marco dentro da Festa da Uva, que as emissoras de televisão tinham retratado como sendo algo distintivo da festa e que vários participantes haviam lhe dito que tinham gostado. Para o próximo ano, segundo a assessora, era preciso fazer uma cerimônia deste tipo também na inauguração da festa:

- “*Imagina que bacana, depois de pisar uvas daremos um copo de vinho, feito com as uvas desse ano, para o governador!*”

O secretário fez cara de quem gostou da idéia.

TRANSFORMAÇÃO E IDENTIDADES

Imagino que o leitor deva estar se perguntando o que situações, em princípio tão diversas, tais como a confissão do agricultor, logo após a inauguração da festa, e a cerimônia de pisar uvas têm em comum? Nossa hipótese é de que, em ambos os casos, o que parece ser central é o recurso a identidades tradicionais como forma de resposta ao processo de transformação mais geral que a cidade vem sofrendo nas últimas décadas.

No caso específico da cerimônia de pisar uvas, a vinculação com a cultura italiana trouxe vários benefícios. Primeiro, fez com que ela se diferenciasse das outras festas da região e assim pode, dentro de seu *marketing*, oferecer algo a mais como atração (cultura italiana) dentro de uma espécie de *mesmice* presente nas outras festas da região. Segundo, a vinculação com a cultura italiana serviu também para baratear os custos de produção da festa pois as atrações musicais mais famosas (e também mais caras) foram deixadas de lado e apostou-se em conjuntos, atores e corais locais. Não podemos deixar de lembrar a visibilidade política que este tipo de evento tem na vida do município. Uma festa bem sucedida e original pode dar ao secretário, que também preside a festa, visibilidade e prestígios necessários para incrementar suas pretensões políticas no município.

Mas, levar em conta razões que considerem apenas fatores relacionados à produção da festa não nos parece convincente para explicar o sucesso e a repercussão da cerimônia junto ao público. O qual pôde ser percebido pela alegria da assessora do secretário, quando disse que a festa tinha “pegado” em função do interesse das redes de televisão sobre o evento e das manifestações que chegavam aos seus ouvidos provenientes do público.

A explicação parece situar-se num nível mais profundo e tem a ver com o processo de transformação que a cidade vem sofrendo nas últimas décadas.

DO AGRÍCOLA AOS CONDOMÍNIOS

Em 1951, Vinhedo possuía 9 mil habitantes, sendo 6 mil (66.6%) na zona urbana e 3 mil na zona rural. Esta última, abrigava cerca de 300 famílias que viviam da plantação de uvas, cerca de sete milhões de pés, que era a principal atividade econômica do município.

“Vinhedo, cujo nome é representado pela sua principal cultura, ‘uva de mesa’, com seus 7 milhões de pés divididos na maioria entre pequenos agricultores, é um fator decisivo na economia do município. O produto que de ano para ano vem aumentando e é exportado para alguns estados do país. Este ano a produção foi das maiores, devendo atingir 1.700.000 caixas, num total aproximadamente de noventa e cinco milhões de cruzeiros, pois o preço obtido foi bom. Ouvindo alguns produtores, soube-se que no próximo ano é intenção (sic) modificar o sistema de venda, ampliando para o interior do estado, onde alcançará melhor preço. Amanhã por ocasião da ‘Festa da Uva’ os expositores brindarão o público, apresentando seus magníficos produtos” (Folha de Vinhedo, 16 de janeiro de 1952, p. 4)

Os produtores, que dependiam do cultivo da uva, alcançavam bons preços na venda de seus produtos o que possibilitava-lhes viver, segundo o periódico, uma vida feliz.

“Um matutino paulistano, alinhando considerações de ordem estatística em torno da produção vitícola do Estado, referiu-se ao produtor de uvas como sendo um homem feliz. Feliz, porque vive, sem grandes preocupações de ordem financeira, dado que a produção de uvas, anualmente, satisfaz e proporciona meios para o viticultor viver relativamente feliz.

De modo geral não sabemos se esta afirmação corresponde a verdade de vez que, não conhecendo todos os municípios produtores de uvas, não podemos afirmar até onde vai esta felicidade que é latente no município de Vinhedo” (Folha de Vinhedo, 11 de março de 1953, p. 3)

A uva, além disso, representava o município e ver o nome de Vinhedo estampado nas caixas do produto que percorriam São Paulo e outros estados era motivo de orgulho dos vinhedenses. Quando a origem do produto era disfarçada, isso provocava protestos por parte do jornal da cidade.⁷

A agricultura, apesar de importante, não era a única atividade da cidade. Nos anos cinquenta, Vinhedo já possuía um parque industrial diversificado, sendo que as três principais indústrias, a saber, Fábrica de Tecidos Sant’ana, a indústria de lixas e abrasivos multi-nacional Carborumbum e Cerâmica Jatobá empregavam cerca de 10% (900 pessoas) dos residentes da cidade. A título de informação, a primeira fábrica da cidade, tecelagem Sant’ana, foi fundada por um imigrante italiano, Benedito Storani, em 1926 (Cf. Folha de Vinhedo, 13 de janeiro de 1954, p. 6).

Tal como observa Vera Lúcia Rodrigues “se o desenvolvimento inicial de Vinhedo deveu-se à agricultura, o município tem vivido, nesta sua curta história, rápidas transformações” (2001:41). De acordo com a autora, durante as duas primeiras décadas após a emancipação, a cidade, apesar de contar com uma atividade industrial importante, tinha no setor agrícola sua principal fonte de renda. Os anos setenta, observa Rodrigues, trouxeram mudanças drásticas. Em primeiro lugar, a atividade industrial passa o setor agrícola em importância na medida em que várias indústrias, atraídas por políticas de incentivos fiscais, se instalam na cidade e vêm a somar com as já existentes. Além disso, é nos anos setenta e no começo dos anos oitenta que se inicia um processo

⁽⁷⁾ “Esta ‘Folha’ que age em defesa e desenvolvimento do município, mais uma vez denuncia ao chacareiro e sitiante o que vem passando na capital. Os carrinheiros que adquirem no mercado municipal uvas do nosso município- Vinhedo e Louveira - recebem ordens para apregoar o produto como procedente do Marengo: Ora, se os Srs. Chacareiros e sítiantes todos do município se dispuserem a reagir contra o embuste, usando o carimbo a fogo nas caixas de tal forma que impeça a colocação de rótulos sôbre-postos aos de origem, os espertalhões serão forçados a recuar. De que servem, pois, o capricho, o trabalho dos nossos viticultores durante um ano com objetivo de apresentar na praça um excelente produto que afinal vai ser vendido como de outra procedência? É preciso reagir em homenagem ao município de Vinhedo!” (Folha de Vinhedo, 28 de janeiro de 1953, p.1).

de conversão no uso da terra, do agrícola para a moradia. Esta conversão tem no desenvolvimento de condomínios de casas o exemplo mais fecundo.

Antigas fazendas tais como a Marambaia e São Joaquim modificam a utilização de seus solos e tornam-se condomínios fechados de casas de moradia. Cinco dos principais condomínios que foram desenvolvidos na cidade nessa época (Marambaia; São Joaquim; Santa Fé; Vista Alegre e Chácaras do Lago) passam a ocupar uma área de 7.353.931 m² o que corresponde a cerca de 10% da área de Vinhedo. Em 1998 (Cf. Ruschmann, 1998:82), estes mesmos condomínios abrigavam cerca de 2.324 casas concluídas, 337 em construção e 1.304 lotes vazios. Se as estimativas de Ruschmann estiverem corretas, considerando que em cada residência há uma taxa de ocupação em torno de 4,5 pessoas, temos um total de 10.458 moradores, cerca de 21% dos habitantes da cidade, apenas se levarmos em conta os principais condomínios da cidade.⁸

Este processo de conversão de áreas agrícolas para moradia e da chegada de novos moradores se assemelha em muitos aspectos àqueles descritos por Marsden e seus colaboradores em relação ao contexto inglês (Cf. Marsden, Murdoch, Lowe & Munton, 1993; Marsden & Murdoch, 1994).⁹ Segundo este entendimento, a abertura do rural para além da produção de alimentos trouxe consigo, simultaneamente, a criação de novas mercadorias, mercados e valores de troca. A terra, que outrora era avaliada sobretudo por características relativas à agricultura, passa a ter como parâmetro de avaliação critérios totalmente diferentes. Em muitos casos, áreas que foram desfavorecidas dentro do processo de modernização agrícola (em função de sua topografia, áreas de preservação permanente etc.) passam a ser valorizadas quando se trata da moradia. Neste processo, bens intangíveis, tais como ar puro, contato com a natureza, passam a ser “commodizados”.

De acordo com Marsden e Murdoch (1994), a conversão de estabelecimentos rurais para casas de moradia provoca, via de regra, um aumento significativo no preço das terras e das casas onde

este processo ocorre. Isso faz com que somente uma parcela da população, aquela com meios para tanto, possa desfrutar este tipo de rural “idílico”. Com efeito, Marsden e seus colaboradores identificam a classe média de origem urbana como sendo a parcela da população que mais se beneficiou por este processo e, nesse sentido, ela passa a colonizar grande parte do rural tendo por referência seus gostos e estilos de vida. A oferta de moradia, entretanto, é bastante diferenciada e sujeita a disputas. Os autores nos mostram que esta colonização da classe média não significa a imposição de apenas uma única visão, de um único padrão estético ou visão de mundo, mas de diferenças, reapropriações e contestações sobre este espaço.

A despeito das diferenças entre o processo descrito por Marsden e seus colaboradores em relação ao contexto inglês e o observado em Vinhedo, o fato é que este município sofreu alterações profundas em sua composição econômica, demográfica, espacial e cultural nas últimas três décadas. Em um outro trabalho (Cf. Pires, 2002), sugiro que as transformações pelas quais o município passou, sobretudo em termos da oferta de moradia, não foi acidental. Na verdade, podemos notar um projeto de desenvolvimento da cidade, desde os anos cinquenta, que passa pela transformação do perfil econômico do município, deixando paulatinamente a dependência na agricultura e apostando no crescimento industrial. A consequência inevitável disso tudo seria o acréscimo de novos moradores e a transformação de sua configuração urbana. Mas, os propagadores do desenvolvimento consideravam este um preço a pagar. O desenvolvimento imobiliário não chegou de uma hora para outra, ele fez parte de um projeto de desenvolvimento municipal cujas raízes podem ser vistas nos jornais dos anos cinquenta. Em certo sentido, o futuro imaginado para a cidade tornou-se uma realidade. Neste processo, aquilo que foi deixado de lado, a agricultura, passa a ser contemporaneamente revalorizado através da construção de um rural idílico. A associação da cultura da uva com o turismo, por exemplo, passa

⁸ Em 2001, a população da cidade era de 48.633 habitantes, sendo que 47.564 (97,80%) residem em áreas urbanas e 1.069 em áreas rurais. Fonte: Fundação Seade (www.seade.gov.br).

⁹ Desenvolvo algumas diferenças entre o contexto inglês e o de nossa pesquisa em: Pires, 2002.

a ser, atualmente, um recurso importante no sentido de atrair mais consumidores deste espaço.¹⁰

VESTINDO O JILBAB

Intrigado com o fato de que contemporaneamente as comunidades religiosas se tornam cada vez mais “*os eixos em torno dos quais gira a luta pelo poder*”, Geertz (2001) propõe uma explicação para isso que não se restringe somente ao campo religioso, mas a relaciona com o político, com a luta pelo poder e, segundo ele, a uma questão mais profunda que passou a ser chamada de “busca da identidade”, “política da identidade”, “crises de identidade”, “perda da identidade” ou “construção da identidade”. De maneira parecida com outros autores que se detiveram sobre o tema da identidade cultural (Hall, 1995 e Giddens, 1993, por exemplo), Geertz parte da premissa de que as transformações político-econômicas das últimas décadas afetaram a maneira pela qual as pessoas se representam - seja de forma individual ou coletiva -.

Estariamos vivenciando processos de transformação cultural em que o desafio principal seria a “*substituição de um mundo construído com uns poucos tijolos análogos, enormes e mal encaixados, por um mundo não mais uniformemente nem menos completamente construído com muitos tijolos menores, mais diversificados e mais regulares*” (Geertz, 2001:157). O autor interessa-se de forma particular na análise de situações em que a resultante deste processo passa a ser a revigoração de movimentos sociais baseados no fundamentalismo religioso. “*Uma das mais impressionantes e controvertidas dessas expressões, no entanto, foi a adoção, por um número crescente de mulheres, sobretudo as jovens instruídas, do estilo de vestuário do Oriente Médio: um manto monocromático longo e solto, que chega até os tornozelos, destinado a esconder as formas do corpo, e uma estola comprida e enrolada, em geral branca, destinada a esconder o cabelo e o pescoço*” (Idem, ibidem:161)

A utilização deste traje, o *jilbab*, por mulheres javanesas, urbanas, jovens e com nível universitário despertou, em princípio, desconfiança e perplexidade. Mas, inseridos no contexto mais amplo de transformação daquela sociedade, este movimento, que poderíamos qualificá-los “a contramão”, passa a ter sentido se levarmos em conta a forma de projeção social e individual num mundo em rápida mudança. Vestir o *jilbab*, neste sentido, representou uma espécie de porto seguro frente a um mar de incertezas presentes em contexto de transformações profundas.

Com todas as ressalvas que certamente brotarão a partir de uma aproximação que doravante proponho, será que o comportamento de Luís na cerimônia de inauguração da Festa da Uva de, publicamente, se comportar como um “verdadeiro” agricultor e, em conversa reservada, mostrar preocupações quanto ao seu futuro, não o aproxima daquele descrito pelas jovens javanesas? Será que em ambos os casos o *jilbab* não foi vestido? Ou seja, em função das transformações pelas quais a agricultura e o espaço rural passaram em Vinhedo nos últimos tempos, e possivelmente das incertezas futuras que isso traz consigo, vestir o *jilbab* de agricultor naquela situação não seria a melhor coisa a fazer? Dito de outro modo, frente a uma espécie de futuro incerto, o passado e a origem de agricultor ofereceram-lhe a segurança necessária.

O mesmo parece ocorrer em relação à cerimônia de pisar uvas. Entendido como um processo de invenção de tradição, a argumentação central proposta por Hobsbawm (1997) parece ser exemplar. Embora a recorrência ao passado seja uma característica comum nos processos de invenção de tradição, o historiador inglês nos mostra que não é no passado (por vezes mítico) que se deve buscar a explicação, mas na relação que este passado mantém com o momento da criação da tradição. Assim, os processos de invenção de tradições podem ser lidos como reações frente situações de transformações sociais, a partir de um uso simbólico do passado, e, nesse sentido, dizem respeito mais ao momento de sua criação do que ao tempo pretérito a que se referem.

⁽¹⁰⁾ É preciso, entretanto, ser cauteloso acerca do peso do turismo na economia do município. Temos acompanhado tentativas incipientes de vários agricultores para desenvolver o turismo na região o que se traduz, por exemplo, na formação da Associação de Turismo. Os dados que dispomos até o momento não nos permite afirmar, peremptoriamente, que o turismo já representa uma alternativa real de renda para esses agricultores, no entanto, ele já faz parte da agenda de interesses deste grupo o que para nós já é significativo.

Talvez seja por isso que Hobsbawm nos diga que o estudo de invenção de tradições seja um assunto tão interessante para os estudiosos da história contemporânea (Cf. Hobsbawm, 1997:10). No caso específico da Festa da Uva de Vinhedo, nossa hipótese interpretativa é exatamente esta: num plano geral, o uso que é feito da cultura italiana e, de forma especial, o ritual de pisar uvas podem ser entendidos como processos de invenção de tradições. Por serem processos dessa natureza, eles mantêm uma relação muito viva com o presente, momento em que são formuladas, e constituem-se como reações às transformações pelas quais a cidade vem enfrentando nos últimos anos.

“Provavelmente, não há lugar nem tempo investigados pelos historiadores onde não haja ocorrido a ‘invenção’ de tradições neste sentido. Contudo, espera-se que ela ocorra com mais frequência: quando uma transformação rápida da sociedade debilita ou destrói os padrões para os quais as ‘velhas’ tradições foram feitas, produzindo novos padrões com os quais essas tradições são incompatíveis; quando as velhas tradições, juntamente com seus promotores e divulgadores institucionais, dão mostras de haver perdido grande parte da capacidade de adaptação e da flexibilidade; ou quando são eliminadas de outras formas. Em suma, inventam-se novas tradições quando ocorrem transformações suficientemente amplas e rápidas tanto do lado da demanda quanto da oferta” (Hobsbawm, 1997:12-13)

Esta idéia, que num certo sentido aproximou as reflexões de Geertz e Hobsbawm, parece ter origens no pensamento durkheimiano. Preocupado com o estabelecimento de solidariedades sociais, ou seja, mecanismos de coesão social que determinariam os traços essenciais da sociedade e de seu bom funcionamento, Durkheim (2000 [1897]), numa passagem do seu clássico estudo sobre o suicídio, desenvolve uma idéia que nos parece importante para entender os processos que descrevemos em Vinhedo. De acordo com o autor, à medida em que o homem se afasta de sua tradição - vista a partir do plano religioso -, em que há um maior ordenamento do mundo e maiores

vínculos estabelecidos entre o indivíduo e sociedade, maior passa a ser a taxa de suicídio. O autor chega a fazer uma correlação interessante entre o aumento da taxa de suicídio e o avanço da ciência, na medida em que o conhecimento científico - visto pela referência à instrução - tem o efeito de minar as certezas que outrora eram fornecidas pelo campo religioso.

Esta proposição durkheimiana, qual seja, de que as transformações sociais afetam os mecanismos de coesão social nos parece fundamental para entendermos as práticas que observamos em Vinhedo. Antonio Cândido (1987 [1964]), com uma precocidade digna de nota dentro dos estudos rurais brasileiros, parece tratar dessas mesmas questões em seu clássico estudo sobre a cultura caipira em Bofete, estado de São Paulo. Enxergando uma sociedade em rápida transformação, em que a vida e a cultura caipira estariam progressivamente se incorporando à esfera da cultura urbana, representado pela adoção de novas formas de consumo e da perda de antigos laços de sociabilidade, o autor considera os parceiros um grupo privilegiado para pensar estas questões. Representam, para o caipira, uma etapa de transição pois ao mesmo tempo em que conservam traços de uma autonomia camponesa, típica do proprietário de terra, os parceiros, dado o ritmo das transformações, vêm-se constantemente ameaçados pelo recurso ao trabalho assalariado, seja em sua forma agrícola, dada pelo colono ou camarada, ou pela proletarianização nos centros urbanos. *“Apegar-se à parceria significa, para quem não pode mais ser sitiante, preservar o próprio respeito, o conceito social e a possibilidade de manter a tradição da cultura - isto é, preservar os elementos que equilibram o grupo” (Souza, 1987:202).*

O então professor da cadeira de Sociologia II da USP, identifica várias atitudes de preservação da cultura caipira como formas de reação à situações de mudança reveladas em sua pesquisa de campo. Este processo, em alguns casos, passa inclusive pela valorização e idealização de um passado caipira, uma verdadeira idade de ouro cuja função parece ser bem clara: *“podemos ver fatores de preservação cultural, que são ao mesmo tempo fatores de preservação grupal, na medida*

em que permitem aos grupos rurais de vizinhança - agrupamentos de sítiantes ou de parceiros - resistirem, enquanto estrutura, ao impacto da mudança causada pela urbanização” (Souza, 1987:211, grifos meus). A situação de crise, tão bem desenvolvida pelo autor, deriva do fato de não haver uma estabilização entre a conservação de traços da cultura tradicional caipira (fator de defesa grupal e cultural) e a incorporação de novos traços. A rigor, observa Antonio Cândido, há uma “perda de traços, relativamente maior do que a aquisição compensadora de outros” (Souza, 1987:219). Temos, portanto, no clássico estudo de Antonio Cândido um exemplo que corrobora nossa hipótese acerca das práticas que observamos em Vinhedo.

É preciso considerar, entretanto, alguns aspectos nos processos de invenção de tradições e de usos do passado, tal como os observados por José Murilo de Carvalho (2000 [1990]), que nos ajudarão a entender o seu aceite. Inspirado em Hobsbawm, o autor de *A Formação das Almas* nos mostra como momentos de mudança política e social, tal como a proclamação da República no Brasil, normalmente vêm acompanhados da produção de símbolos e alegorias que passam a ser fundamentais como instrumentos de legitimação do novo regime.

Se, num determinado plano, podemos pensar no caráter ficcional da produção de símbolos, alegorias e tradições, José Murilo nos ensina que este processo está longe de ocorrer num vácuo. Símbolos e alegorias tendem a ser mais eficazes à medida que tenham um respaldo na história. É a história que oferece aquilo que o autor considera como comunidade de imaginação (ou de sentido), sob o qual permite-se a boa comunicação entre o novo símbolo e o público que o receberá. Nesse sentido, sua análise sobre os heróis republicanos é exemplar. Depois de tentativas mal sucedidas em transformar Deodoro, Floriano e Benjamin Constant como heróis do novo regime, “a busca de um

herói para a República acabou tendo êxito onde não o imaginavam muitos heróis da proclamação. Diante das dificuldades em promover os protagonistas do dia 15, quem aos poucos se revelou capaz de atender às exigências da mitificação foi Tiradentes” (Carvalho, 2000:57). Dito de outro modo, não é qualquer herói, ou num plano mais amplo, qualquer tradição, que pode ser inventada. Eles não surgem num vácuo. Como observa José Murilo, seu aceite dependerá, em última análise, da “profundidade histórica” do símbolo em questão.¹¹

A cerimônia de pisar uvas parece satisfazer as condições apontadas pelo autor. Em primeiro lugar, a cultura italiana não foi inventada a partir de um vácuo. Os italianos e, conseqüentemente sua cultura, estiveram presentes na história do município desde o final do século XIX. De forma específica, a prática de pisar uvas para produzir vinho também fez parte do passado de determinadas famílias. Lembremos que o presidente da Associação dos Produtores Rurais da cidade disse que possuía a tina para fazer vinho mas que jogou fora, pronunciando uma epítome que expressa o caráter dinâmico da cultura. Valendo-me da expressão de José Murilo, a cultura italiana têm uma “profundidade histórica” suficiente para ser aceita.

Além disso, o resgate das tradições italianas foi bem sucedido porque atinge em cheio um problema que nos parece ser central: a questão da identidade cultural dos moradores da cidade num momento, como o que se vive atualmente, de profundas transformações. Isso nos faz regressar ao eixo argumentativo central dos autores apresentados aqui, qual seja, de que os movimentos de resgate de tradições culturais podem ser lidos como respostas à situações de transformação social. Retomando a fala do secretário na inauguração da festa, o fato mais importante da cerimônia de pisar uvas era a oportunidade de Vinhedo encontrar-se consigo mesma.

⁽¹¹⁾ Vários autores, cada um à sua maneira, vem destacando o papel da história nos processos de invenção de tradições e, conseqüentemente, na formação de sentimentos de comunidade imaginada, nação e nacionalismos. Partindo de um exemplo extremo, Philip Kohl (1998) mostra o papel da arqueologia na elaboração de um passado remoto que, em muitos casos, serve como cimento para a construção de identidades nacionais. Mas, apesar deste uso político, Kohl considera que “as tradições culturais não podem ser fabricadas como se fossem roupas, há limites reais para a invenção de tradições”. (Kohl, 1998:233). No caso da Arqueologia, esses limites reais seriam fornecidos pelo aspecto material dos dados arqueológicos que permitem, segundo o autor, a possibilidade de apreensão, mesmo que parcial, de uma realidade objetiva.

CULTURA E CONSUMO

A cultura italiana não é a única capaz de satisfazer as exigências de “*profundidade histórica*” no município. Embora mais numerosos, os italianos não foram os únicos a aportar em Vinhedo. A cidade recebeu também alemães, suíços, portugueses e, em menor número, espanhóis que, ao longo desses anos, participaram ativamente na vida social e política do município. Sobre este ponto, é interessante lembrar a fala do prefeito na cerimônia de inauguração da festa, o qual, num gesto de habilidade política, fez questão de lembrar a composição multicultural da cidade e de que os italianos estariam representando todas as tradições.

O resgate da cultura italiana, nesse sentido, representou uma alternativa possível dentro do repertório oferecido pela história da cidade. Certamente, pode-se argumentar de que a presença dos italianos foi mais importante do que de outros grupos, mas isso não invalida o caráter ficcional anteriormente observado.

A história, tal como considera Richard Handler (1988), não serve apenas para construir um passado que possa servir como base para a formação de grupos, sentimentos de pertença, nação e nacionalismo. Ela tem também uma utilização pragmática muito bem observada pelo autor e que nos parece pertinente para entendermos as práticas que observamos em Vinhedo. Se, por um lado, há um conjunto de discursos que se utilizam do passado para construir sentimentos de pertença e identidades locais, por outro, esses discursos normalmente vêm acompanhados por aquilo que Handler considera como objetivação da cultura, isto é, bens e serviços (artesanato, danças e Festas, por exemplo) que passam a simbolizar esta identidade. É um momento em que a cultura é identificada, se materializa em bens e serviços e passa a ser consumida.

No caso da Festa da Uva de Vinhedo, a cultura italiana, se é que é possível falar nesta forma tão essencial, se materializa em encenações, tais como a cerimônia de pisar uvas, e em outros produtos que são disponibilizados ao visitante. Não podemos, entretanto, esquecer aquele clima de *Festa das Nações*, que procurei retratar num passeio hipotético pela rua da alimentação. A

cultura italiana é um produto - talvez o mais importante - a disposição do visitante. Comer um crepe suíço, regado com chopp Alemanha, para depois finalizar com doces portugueses nos parece serem atos de consumo tais como o de assistir a milésima apresentação de *Funiculi, Funiculá*, de participar da cerimônia de pisar uvas ou do ato de comprar uma caixa de uva de um “verdadeiro” agricultor da região.

Sobre este aspecto, Ekman (1999) considera muito difícil separar os eventos que digam respeito somente ao fortalecimento de identidades locais daqueles que busquem fortalecer a economia local: ambos andam juntos. Interessada no aumento de festas e de revitalização de tradições observada na Suécia nos últimos tempos, a autora mostra que este fato se relaciona com a entrada da Suécia na Comunidade Econômica Européia. Nesse sentido, o argumento de que os processos de invenção de tradição se relaciona com as transformações sociais do presente parece inabalável.

Em algumas situações, e de forma muito semelhante ao observado em Vinhedo, Ekman destaca a participação da administração municipal em promover imagens e a cultura local de uma determinada região via objetivações da cultura dada pelas Festas e celebrações. No que poderíamos caracterizar como campo da produção, a administração municipal promove eventos que constroem sentimento de identidades locais (cuja ênfase está no pertencimento em termos espaciais) mas estes eventos, simultaneamente, fortalecem a economia local, via turismo ou venda de determinados produtos.

Em relação ao consumo, Ekman vai dizer que o resgate da história local (celebrada em festas e outras manifestações) tem um sentido diferente para as pessoas. Para os turistas, pode ser um momento de aprender coisas novas, passar o tempo ou se divertir. Para as pessoas da região, ela pode servir como forma de experienciar o contexto social local, sua continuidade e oferecer sentimentos de pertença ao grupo local mais amplo. A Festa da Uva de Vinhedo, neste sentido, é consumida por pessoas de diferentes posições e origens. Os turistas que participam da festa e que vêm de vários lugares (lembremos a quantidade e a procedência dos ônibus estacionados em frente ao

parque) têm uma visão diferente do evento do que uma pessoa que vive no local. De forma específica, a cerimônia de pisar uvas pode ser, para alguns, um divertimento para se passar o tempo e para outros, tal como para o presidente da associação de produtores, um momento de imaginar a história de sua família.

Apesar de considerar estas diferenças, seja no nível da produção, como nas apropriações da festa, em que o corte local e não local parece ser fundamental, iremos finalizar este texto focalizando uma relação: a tentativa da administração municipal, via festa, em construir um sentimento de pertença para os habitantes de Vinhedo e da ruralidade resultante deste processo.

CONCLUSÃO: RURALIDADE E ORDENAMENTO

Até o presente momento, deixei de lado uma característica importante da Festa da Uva de Vinhedo que é a sua relação com o rural. Pode-se dizer que a associação da festa com as tradições italianas dá-se simultaneamente com associação ao rural. Lembremos que o palco da cerimônia de pisar uvas deste ano caracterizava um bairro rural e os participantes desta cerimônia estavam trajando vestimentas que lembravam roupas do colonato. A festa, da uva, é um evento que mantém uma relação próxima com produtos agrícolas manifestada não apenas em seu nome, mas na venda de frutas, em sua exposição e no leilão de frutas que ocorre todos os domingos.¹²

A progressiva des-espacialização do conceito de rural tem sido uma característica marcante dentro do debate mais recente. Tudo leva a crer que o trabalho de Marc Mormont (1990) abriu as portas para o entendimento do rural como construção social e, portanto, de sua progressiva des-espacialização. Mormont sugere que o rural, mais do que um espaço geográfico determinado ou uma categoria natural, é algo que foi sendo progressivamente construído por determinadas instituições, dentre as quais a própria Sociologia Rural. O autor argumenta que uma revisão da

categoria rural deve separar os dois sentidos básicos que envolvem o seu uso. O primeiro, é o entendimento do rural como um espaço físico e, o segundo, o rural como um local de relações sociais. Certamente, a idéia aqui é evitar que as relações sociais sejam determinadas por sua conexão com um determinado espaço físico, mas, como veremos a seguir, isso não significa dizer que o espaço não tenha mais importância.

Na proposta de Mormont, o espaço deve ser considerado menos por suas propriedades físicas, *stricto sensu*, e mais como uma forma de classificação social. Indivíduos, grupos sociais e instituições continuamente utilizam-se de referenciais espaciais para afirmarem suas identidades sociais. Mas, como sinaliza Mormont, é preciso considerar que a relação entre espaço e identidade social não envolve apenas o pertencimento a um único espaço, mas de múltiplas identidades e múltiplos espaços que se combinam e se distanciam de acordo com situações específicas.

O rural, neste sentido, deixa de ser um atributo específico de determinados grupos sociais, residentes de determinadas localidades, e passa a ser uma construção social, produzido por diferentes grupos (sejam eles de origem urbana ou rural). Essa des-espacialização da categoria rural fez com que muitos autores preferissem a utilização do termo ruralidade. Focalizado mais na relação social do que no objeto propriamente dito, tal como o adjetivo rural sugere, o termo ruralidade, ou ruralidades no plural, veio marcar o entendimento do rural como um *constructo* social e pensá-lo, não mais através de suas propriedades físicas, mas como forma de classificação social. Não podemos deixar de lembrar aqui as semelhanças deste movimento com outros, ocorridos em diferentes épocas, dentro das Ciências Sociais. Refiro-me, de forma genérica, às substituições de termos como sexo por gênero e raça por etnia. Em ambos casos, tratou-se de mostrar que as desigualdades, mais do que naturalmente determinadas, eram culturalmente construídas.

Mormont enfatiza que não se trata de uma ruralidade no singular mas daquilo que ele considera

⁽¹²⁾ Sobre a importância do leilão em festas rurais ver: Souza (1987), especialmente pp.144 e 145 e Lanna (1999).

como uma *batalha simbólica de ruralidades* (Cf. Mormont, 1990:35). Diferentes atores, grupos sociais, instituições (administradores locais, agricultores, novos moradores, por exemplo), e seus respectivos interesses, travam uma batalha no sentido de afirmarem suas representações sobre o rural.

Se olharmos para a atuação da administração municipal na Festa da Uva de Vinhedo, podemos concluir que estamos diante de um tipo de ruralidade, dentre outras possível, que vem sendo construída a partir de uma vinculação étnica com a cultura italiana e a um passado rural comum. Tal como vimos em relação aos processos de invenção de tradições, estas práticas têm implicações importantes para o presente. A oportunidade da cidade e de seus habitantes serem identificados a partir de um tipo específico de sociabilidade italiana, que valoriza a origem rural, a amizade, a integração frente ao diferente (via danças e cantos) parece ser muito pertinente. Trata-se de um tipo específico de identificação bastante ordenador. De um lado, mantém-se um vínculo estreito, a despeito das transformações recentes, com a origem rural do município. Além disso, domestica-se os eventuais atritos e diferenças que certamente existem entre os novos e os antigos moradores. Da mesma forma como que supostamente os italianos foram bem recebidos pelos antigos moradores, a cidade mantém a sua vocação de receber bem “os de fora” os convidando a participar de suas danças e encenações.

BIBLIOGRAFIA

- CARVALHO, José Murilo de. *A Formação das Almas. O Imaginário da República no Brasil*. São Paulo, Companhia das Letras, 2000 [1990].
- DURKHEIM, Émile. *O Suicídio*. São Paulo, Martins Fontes, 2000 [1897].
- ELMAN, Ann-Kristin. The Revival of Cultural Celebrations in Regional Sweden. Aspects of Tradition and Transition. *Sociologia Ruralis*. Vol. 39, N° 3, pp. 280-293, 1999.
- GEERTZ, Clifford. *Nova Luz sobre a Antropologia*. Rio de Janeiro, Zahar, 2001.
- GIDDENS, Anthony. *A Transformação da Intimidade; sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas*. São Paulo, Editora da UNESP, 1993.
- HALL, Stuart. *A Questão da Identidade Cultural*. Campinas, Textos Didáticos nº18, IFCH/UNICAMP, 1995.
- HISTÓRICO DO MUNICÍPIO DE VINHEDO. Vinhedo, Prefeitura Municipal de Vinhedo, Secretaria de Comércio Indústria e Turismo, mimeo, 1999.
- HANDLER, Richard. *Nationalism and the Politics of Culture in Quebec*. Madison, The University of Wisconsin Press, 1988.
- HOBBSAWM, Eric e RANGER, Terence (orgs.) *A Invenção das Tradições*. São Paulo, Paz e Terra, 1997.
- INGLEZ DE SOUZA, Júlio Seabra. *Origens do Vinhedo Paulista*. Jundiá, Prefeitura Municipal (Comissão Executiva da Festa da Uva e Exposição Industrial de Jundiá), 1959
- KOHL, Philip L. Nationalism and Archaeology: on the constructions of nations and reconstructions of the remote past. *Annual Review of Anthropology*, Vol. 27, pp. 223-246, 1998.
- PIRES, André. Identidade e Agricultura Familiar: repensando as identidades frente às recentes transformações do espaço rural paulista através do estudo de caso no município de Vinhedo, estado de São Paulo. Relatório Científico de Bolsa de Doutorado apresentado a FAPESP. Campinas, mimeo, 2002.
- LANNA, Marcos. Festa e Política. *Vivência*. Natal, Vol. 13, nº 1, pp. 17-30, 1999.
- MARSDEN, Terry; MURDOCH, Jonathan. *Reconstituting Rurality: class, community and power in the development process*. London, University College London, 1994.
- MARSDEN, Terry; MURDOCH, Jonathan; LOWE, Philip; MUNTUN, Richard e FLYNN, Andrew. *Constructing the countryside*. London, University College London, 1993.

MORMONT, Marc. Who is Rural? Or how to be rural? Towards a sociology of the rural. In: MARSDEN, Terry et al. *Rural Restructuring: global process and their responses*. London, David Fulton, 1990.

RODRIGUES, Vera Lúcia. *Os Caseiros de Vinhedo*. Campinas, mimeo, 2001.

RUSCHMANN, Doris van de Meene (coordenadora). *Prefeitura Municipal de*

Vinhedo - Plano Diretor de Turismo. Vinhedo, mimeo, 1998.

SOUZA, Antonio Cândido de Mello e. *O Discurso e a Cidade*. São Paulo, Livraria Duas Cidades, 1993.

_____. *Os Parceiros do Rio Bonito. Estudo sobre o caipira paulista e a transformação dos seus meios de vida* 7ª edição. São Paulo, Livraria Duas Cidades, 1987 [1964].